

VALENTIM MAGALHÃES E LUCIO DE MENDONÇA

---

# O ESCANDALO

Critica de Lettras, Artes, Politica e Costames

*Vitam impendere vero.*

---

N.º 3 — 2 de maio de 1888

---

RIO DE JANEIRO

*Editor: José Assis Climaco dos Reis*

109, RUA DO HOSPICIO, 109

---

1888

---

Typ. Reis, rua do Hospicio 109

---

# O ESCANDALO

---

Nós e o conhecidissimo Sr. José do Patrocínio. Resposta prompta á sua explicação tardia.—O bicho carpinteiro do Sr. F. Vianna e o projecto de reforma da Eschola Normal—Uma nomeação desastrosa. O que é o consul de Cacarcá.—O grammatico da *Epoca* e os botões dos colletes.—Bilhete ao sr. Pardal Mallet.—Uma noticia do *Diario Mercantil*.

Rio de Janeiro, 2 de maio de 1888.

O conhecidissimo sr. José do Patrocínio deixára sem directa resposta o nosso artigo do ultimo numero e analogas accusações relativas ao seu manifesto da Confederação Abolicionista; ultimamente, porém,—na 1.<sup>a</sup> columna da sua *Cidade do Rio* do dia 28 do passado —resolveu dar satisfação aos seus contemporaneos—e á posteridade.

A satisfação consiste em declarar o que já era sabido—que diverge da disciplina republicana, e affirmar, pouco mais ou menos, que os republicanos brazileiros são todos uns negreiros como outros quaesquer, generalizando, com aquella calma e sisudez de critica que lhe conhecem, a um partido inteiro uma conclusão, já illogica, e deduzida unicamente do acto do 1.<sup>o</sup> Congresso Republicano de S. Paulo e da *Gazeta Nacional* desta Côrte.

Particularmente em referencia a nós, diz de Valentim Magalhães o que se lê referido no artigo deste no nosso presente numero, e de mim, não encontrando—por absoluta impossibilidade—um acto, um só que seja, da vida publica ou privada, que contradiga os meus sentimentos abolicionistas, sempre affirmados, cinge-se a declarar que sou «illustre desconhecido em toda a campanha abolicionista».

«Illustre», é muito; mas tambem «desconhecido» é pouco demais.

Sem querer recordar os tempos de estudante, em que, em S. Paulo, escrevi sempre contra o captiveiro dos negros,—discipulo e particular amigo de Luiz Gama,—seja-me licito registrar, nesta publica página, que redigi durante sete annos, no sul de Minas, um periodico, o *Colombo*, francamente abolicionista; que, como advogado, fui sempre dedicado amigo da liberdade dos negros, e auctor da idéa (de que, em tempo, deu noticia a imprensa democratica) de se obrigarem, por solemne compromisso, todos os membros do Club Republicano Academico a nunca advogarem contra os captivos; que, como advogado, em centros agricolas, tenho recusado innumeradas procurações de senhores d'escravos que me procuravam para pleitear contra a liberdade; que, como advogado, ainda recentemente, no fôro de Valença, da provincia do Rio de Janeiro, fui quem iniciou alli a reivin-

dicação judicial da liberdade de africanos introduzidos depois de 1831; que, como escriptor publico, innumeradas vezes tenho consagrado á causa dos captivos a minha penna, obscura mas honesta e convicta; e ainda numa biographia de Luiz Gama (transcripta, como folhetim, na antiga *Gazeta da Tarde*), declarei que acompanhava o immortal tribuno negro quando discordava do 1.º Congresso Republicano de S. Paulo no modo de definir o programma do partido em referencia ao problema do trabalho servil.

Quem, como abolicionista, possui tal fé d'officio, pôde ser desconhecido para o conhecidissimo sr José do Patrocinio; não o será nunca para quem, talvez menos conhecido, melhor conheça os actos publicos do abolicionismo no Brazil.

Escrevo e publico isto unica e exclusivamente para não deixar insinuado sem resposta que só á ultima hora adoptei o titulo de abolicionista com que appareço nesta publicação, não porque me magôasse a phrase do conhecidissimo sr. José do Patrocinio. Se eu não fosse, como sempre fui e hei de ser, desinteressado propagandista dos meus principios; se ambicionasse galardões. rejeitá-les-ia, sem hesitar, quando me tivessem de vir pela mão do conhecidissimo sr. José do Patrocinio.

Este conhecidissimo senhor aproveita o

ensejo para declarar guerra de exterminio ao «partido republicano actual»; diz, textualmente, que ha de combatê-lo, até destruí-lo!

Diz isto? Pois tenha-se immediatamente por destruido o partido republicano brasileiro! Esteja defuncto!

Fanfarrão! . . .

L. DE M.

---

Pela minha parte, pouco direi ao sr. Patrocínio.

Mas antes mesmo desse pouco, devo em consciencia fazer uma declaração. E é que, republicano firme e declarado, desde a Academia, nunca me filiei ao partido republicano, não me arregimentei, não confessei obediencia aos arvorados chefes, nunca, por adhesão pessoal ou documental, acompanhei as suas resoluções.

E, quer o sr. Patrocínio que lhe diga porque? exactamente pelas razões que expendeu no seu editorial de 28—por falta de confiança no nosso actual partido republicano, á frente do qual eu via homens como o sr. Patrocínio—mais ambiciosos do que patriotas, mais escravos de suas paixões do que de suas idéas.

Entre nós, com raras excepções, só fazem republicanismo os que não têm que perder ou os que já não podem perder: — os que desejam arranjar-se e os que já se arranjaram. O resto

compõe-se de crianças que se embriagam ainda com palavões bonitos e de ingenuos, que ainda não abriram os olhos.

Ora isso não é partido, não é nada. Preferi portanto, sempre, conservar-me de parte, desaggregiado e livre.

Agora, directamente, ao sr. Patrocínio. 

S. s. chamou-me «advogado dos lynchadores de negros no Rio Bonito». E' uma accusação velha e tola. Quem primeiro usou della foi o mofineiro Laet. Respondi-lhe em tempo, arrastando-a. E' inutil repetir a defeza.

Limito-me, agora, apenas, a lembrar ao sr. Patrocínio que ha na sua vida de advogado um facto que lhe devia ter aconselhado abster-se de me lançar aquella accusação. E' realmente estranhavel que ella me venha do advogado das escravas Joanna e Eduarda, o qual, abandonando, sem explicação admissivel, a causa sagrada de suas infelizes constituintes, deixou de appellar do *veredictum* do jury que unanimemente absolveu a sua torturadora, a celebre d. Francisca de Castro.

Tem graça vêr atirar pedras ás claraboias dos visinhos quem tem todo o seu telhado de vidro !

V. M.

---

S. exc.. o sr. conselheiro Ferreira Vianna bem póde parodiar o cançadissimo dicto de Luiz

XIV—dizendo *O ministerio sou eu*. Ora, como nesta bôa terra em que, segundo affirma Gonçalves Dias, canta o sabiá nas palmeiras, o ministerio é o poder e o poder é o Estado, bom pôde s. exc. não já parodiar o rei-sol, mas imital-o, exclamando, com a mão espalmada sobre o peito, beatamente revestido do franciscano burel, —*O Estado sou eu*.

A figura de s. exc. tem tomado tal vulto, tão amplas e imprevistas proporções, que na sua sombra vão se sumindo as de seus illustres collegas.

Elle é incançavel, multiplo, instantaneo, fulminante, percuciente, e vae tambem sendo ubiquo! Mais um pouco e, como Deus, estará em toda parte. De tudo inquire, indaga, informa-se, cogita; em tudo meche e remeche Um assombro de actividade, um repucho inestancavel de planos, idéias, projectos, reformas e creações.

Pode com a sua pasta, com as outras seis, e com mais algumas. Não é um simples homem. Se houvera nascido nos tempos fabulosos da Hellade seria Hercules, mais: seria o Atlas!

Elle é um tentaculo prodigioso da importancia do ministerio: suga-a toda, enche-se e incha com ella. Absorve os seus collegas, inclusive o da Guerra, que tem uma barriga de respeito.

Não se falla senão no sr. Ferreira Vianna. Elle já está se parecendo com o *Prompto-Ali-*

vio, a Grande Arnica, o phenol Bobœuf e outras cousas infalliveis de drogaria, que estimulavam a fallar o Mal das Vinhas.

Ha de se dizer deste ministerio— «o ministerio Ferreira Vianna», em que péze ao sr. conselheiro João Alfredo.

Será talvez excessivo; mas, por emquanto, é justo. A razão d'esta aurea popular, d'este crescimento precipitado e enorme do nome do sr. Ferreira Vianna não está sómente *no que elle faz*, mas tambem *no que deixa de fazer* o resto do ministerio.

O sr. Vianna faz com que fallem da sua pessôa, mas sempre bem, para elogial-o continuamente.

Seus collegas, — ou por mais avessos ao estardalhaço e á *réclame*, ou por não sentirem mesmo o bicho carpinteiro que tanto movimentava o ministro da Justiça, — vão-se deixando ficar na sombra.

Se de facto, como queremos crêr, preparam reformas e projectos, têm-os de incubação, vão os chocando em silencio, á espera do Parlamento para quebrar os ovos e tirar os pintos.

Das reformas já consummadas, uma, a dos Correios, pertencia ao espolio do ministerio transacto; outra, a do I. Collegio Pedro II, provocou protestos da respectiva Congregação e não nos parece tenha muitos amigos entusiastas

Das projectadas e promettidas ha una, importantissima, sobre a qual desejamos entreter o primeiro quarto d'hora disponivel do sr. conselheiro Costa Pereira, ministro actual d'este auri-verde imperio. Referimo-nos á reforma da Eschola Normal da Côrte. Ainda não foi publicado sequer o plano della, nem mesmo se conhece o espirito que presidiu, está presidindo ou ha de presidir á sua confecção, e já se levantam protestos e reclamações, transmitidos por quasi todas as folhas diarias, de baixo para cima, para o Alto, onde paira a omnipotencia governamental.

Não acompanhamos esses protestos e reclamações extemporaneas, porque estamos certos de que, prudente, illustrado e criterioso como é, não ha de o sr. conselheiro Costa Pereira reformar a Escola Normal senão de inteiro accordo com as necessidades do ensino primario, com os exemplos dados, nesta materia, pelos paizes mais adeantados, e tambem com as conveniencias dos alumnos, com as exigencias do nosso meio. Ha de ser um pouco difficil conciliar tantas coisas, mas não ha difficuldades que não se aplainem ou attenuem, quando não possam vencer-se, havendo talento, bôa vontade e coragem para o trabalho.

Estas qualidades não faltam ao nobre ministro.

Ora, pois, porque diabo havemos nós, então,

de pensar que elle vae reformar a Eschola Normal, do pé para a mão, como quem reforma um paletot — uma ensaboadella e botões novos? porque havemos de crêr que elle se inspirará sómente na Egeria da sua secretaria e que ha de dizer *Amen* a todas as suas indicações?

Não; esperemos uma reforma completa, mas tambem sensata, intelligente, baseada sobre os principios scientificos e administrativos que têm presidido ás reformas congeneres nos paizes em que, ao invéz do nosso, as escholas normaes são reputadas as primeiras, as mais importantes, as mais uteis

Corresponda s. exc. a esta esperanza e deixe lá o sr. Ferreira Vianna a furar por toda parte e a fazer que o seu nome seja gemido por todos os prélos e berrado por todas as gorjas.

V. M.

---

Escandalo grosso, muitissimo maior do que este pobre *Escandalo* de 100 réis, foi a nomeação para consul do Brazil em Venezuela, de certo trovador ocioso, commensal assiduo da piedade culinaria da imperial familia e collega dos criados de galão branco nos regaboes da quinta da Boa Vista.

Não somos nós os primeiros a dizel-o. O jornal *Novidades* publicou a 26 do corrente um

patriótico e indignado editorial contra esta vergonhosa nomeação e a *Gazeta de Noticias*, a 27, navegou-lhe nas aguas, embora sem pingar os i i.

« Esta nomeação, escreveu o *Novidades*, é de tal ordem, que ninguem se animou a discutil-a : passou no silencio de pejo de toda a imprensa. Cada qual sentiu-se envergonhado, como se fôra o auctor da nomeação » e terminou o seu protesto com estas palavras : « Esta nomeação é um desastre para todos, especialmente para o paiz. »

Nós porém comprehendemol-a. S. a. a Regente tinha pressa de vêr longe de suas vistas, fóra dos carros do Paço, apeiado dos *matungos* das suas cavallariças, o menestrel bragan-tino, republicano lambe-pratos, o palaciano lambe-tudo, que, para se regalar com as pitanças das cosinhas da Boa Vista, e engordar com o sancto ocio do favoritismo generoso de bobo estimado, fez uma trouxa dos seus versos e dos seus artigos republicanos, dos seus ataques á familia imperial, da sua dignidade de escriptor, da sua vergonha de homem, dos seus deveres de cidadão, e, mettendo nella o seu frak rafado de perpetuo freguez de botequim — freguez de copo d'agua e palito — atirou-a ao seio discreto e piedoso do Banana Podre e, depois, vestiu a libré de hospede da munificencia imperial, não se pejando de vir cá para fóra

cantar, como o Albergaria da *Grande Avenida*, as delicias do albergamento.

Aos ouvidos e aos olhos de s. a. chegaram as queixas e os protestos dos cosinheiros, copeiros e criados, constantemente aborrecidos pelas reclamações e exigencias do *poeta*, que, para bem gozar da esmola farta, *ordenava* que se lhe dêssem os melhores jantares, os melhores cavallos, os melhores commodos da quinta. E s. a. para evitar que a criadagem acabasse por esbordoar esse Tolentino — na bajulação aos principes, como papa-jantares, está entendido—fez despachal-o consul de Cacarcá, e fez-lhe presente do fardão. Nesse dia andou o *poeta*, de casinha em casinha, a deslumbrar a famulagem e a pobreza domiciliada na Quinta, com a sua nova libré.

Ainda hontem o vimos passar em um velho cabriolet do Paço. Ia encadernado de novo, em um costume de fantasia, que o regencial bolsinho ha de pagar.

Protestando, como o *Novidades* e a *Gazeta*, em nome dos brios e dos interesses da patria, contra essa nomeação, não podemos, comtudo, occultar a alegria que nos deu.

Estamos contentes, porque sem ella continuariamos a ter aqui, infectando a nossa sociedade e a nossa Litteratura, esse cadaver moral, que só poderia ser symbolisado de um modo—  
por uma lingua.

V. M.

---

Não ha como um grammatico para fingir que não entende. Olhem o sr. João Ribeiro, da *Epoca*. Já acerca do nosso artigo d'apresentação fez-se desentendido para nos poder fazer uma pilheria, que, valha a verdade, não valeu o que custou. Agora, a proposito do que disse-mos do estylo do sr. Pardal Mallet, sahe-se a esgaravatar umas contradicções que ninguem mais enxerga

Dissemos do estylo do *Lar* que é, além d'outras coisas, «côxo, maneta, corcunda, zarôlho e careca».

Escrevêmos no mesmo periodo : «suspeitamos até que é trôpego e cambaleante *pela razão de ter bichos nos pés além dos callos, etc*».

O humorista da *Epoca* transcreve esta segunda phrase só até a palavra «cambaleante», que põe em italico, bem como os termos «trôpego» e «suspeitamos». E' facil, truncando assim o que os outros escrevem, forjar contradicções ainda mais graves.

Tambem se lhe affigura que, tendo affirmado, daquelle ente, que era «zarôlho», não podiamos dizer delle que «um dos olhos é artificial, e o outro tem o pequeno defeito de ser cêgo».

Valha-nos Deus ! um que não fosse grammatico acceitaria de boamente o desenvolvimento dado ao epitheto, e que é tão natural como fôra dizer-se : «F. tem um só olho, e esse mesmo artificial».

Chega o seu prurido de inventar antinomias ao excesso de insinuar que são coisas incompatíveis — ser careca e ter piôlhos !

A irresistivel facecia dos quatro colletes que fizemos arrebentar com riso, postoque tenha immensa pilheria e novidade, é falsa como Judas, e por uma razão peremptoria, que toda a gente conhece: depois que o sr. João Ribeiro entrou a cultivar, na imprensa, a litteratura humoristica, deixaram-se de usar colletes abotoados,

C'um saber, só de experiencia feito.

L. DE M.

BILHETE AO SR. PARDAL MALLET. — Lêmos na *Gazeta de Noticias* a sua *Carta de empenho* ao publico, recommendando-lhe o *Escandalo*. Agradecemos-lhe cordealmente a interferencia graciosa em prol deste pamphleto. Mas, embora agradecendo-lh'a, e como a nossa divisa é *Vitam impendere vero*, francamente lhe diremos que não acreditamos na efficacia da sua recommendação.

Que diabo ! se o seu nome não serviu para fazer vender o *Lar*, como ha de servir de *empenho* sufficiente para fazer vender o *Escandalo* ?

Não o creia, sr. Pardal. E se o crê, então é porque abusou daquella liberdade que certa sentença popular concede para o gasto da agua benta e de outra coisa.

Mas se assim é, sómente nos resta dizer-lhe, affectuosamente:

— Ora tire o seu cavallinho da chuva!...

---

Honraram-nos os nossos muito estimados collegas do excellente *Diario Mercantil* de S. Paulo, em seu numero de 26 de abril, com uma amabilissima noticia deste pacato e macio *Escandalo* Agradecemos-lhe a bondade e cortezia. Mas essa noticia — tanto é verdade que não ha rosa sem espinhos — termina com estas linhas:

« Pena é que neste numero, onde se nota grande cuidado na linguagem, escapasse uma phrase construida como esta (pag. 4): «Tu has de lêr-nos, oh se o has!»

« E á pag 6 — «E ácima? A' cima, em escala ascendente, etc.» E ainda á pag. 18: — «... Por estes e outros conselhos que estamos dispostos a te ir ministrando».

O reparo vem de ser *O Escandalo* redigido por Valentim Magalhães e Lucio de Mendonça.»

Pedimos perdão ao *Diario Mercantil*... não dos suppostos cochilos; perdão de não havermos podido descobrir em que peccam as citadas locuções contra a vernaculidade, ou, mesmo, contra a elegancia do estylo. Seria favor nol-o dizer o *Mercantil*. Sem o que, não podemos acceitar o reparo, nem adduzir defeza, pois a esta deve preceder sempre a imputação especificadorado delicto.